



José Régio

OBRA COMPLETA

CONTOS E NOVELAS

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

A CASA DA FICÇÃO

Numa «entrada» do seu Diário, datada de 12 de Novembro de 1957, tendo já então feito 56 anos, José Régio desabafava, a propósito da fraca receptividade de que beneficiara, até aí, a sua ficção, nestes termos: «Trabalho com ardor n'As Monstruosidades Vulgares, 4.º Volume de A Velha Casa. A respeito dos meus romances poderia dizer pouco mais ou menos o que digo a respeito das peças [de teatro]. Nem o Óscar Lopes, numa entrevista recente, (ele que, no seu estudo, valorizou as minhas obras de criação romanesca) se lembrou de citar o meu nome entre os dos ficcionistas portugueses contemporâneos! Isto depois de eu ter publicado Jogo da Cabra Cega, O Príncipe com Orelhas de Burro, Davam Grandes Passeios aos Domingos..., Histórias de Mulheres, Uma Gota de Sangue, As Raízes do Futuro, Os Avisos do Destino...» E concluía, com frontal amargura: «Sim, estas coisas envenenam-me.»

Esta frustração e esta amargura vinham de longe. Régio amava desde sempre o reino da ficção, dentro do qual tinha ambições ao nível mais elevado. Muito novo ainda, vivendo em Vila do Conde, entretinha-se já mergulhando em longos e fruídos romances, nem sempre de qualidade insigne, de que o Rocambole, de Ponson du Terrail, e Os Dois Garotos, de Pierre Decourcelle, são apenas dois exemplos. Fechando-se nesses universos romanescos apetecidos, obturadas todas as saídas para o mundo real, o jovem José Maria sentia um estranho e

aquecido conforto na prolongada convivência com os personagens criados pela fantasia dos romancistas. Conforto, prazer, convívio (salvação?) que mais tarde agradeceria em termos enfáticos e comovidos, nas páginas postumamente publicadas da Confissão Dum Homem Religioso: «O Rocambole e Os Dois Garotos (este numa esplêndida edição cujas ilustrações me fascinavam) foram dos meus primeiros entusiasmos romanescos. Quantas vezes os reli? Obrigado, Ponson du Terrail! obrigado, Pierre Decourcelle! Por certo me não fostes então menos caros do que, mais tarde, o Stendhal ou o Proust.» Régio chegaria, anos depois, a dizer que a leitura das grandes massas romanescas, como as de um Tolstoi, lhe dava «um prazer quase físico», prazer que também encontrava no grande romance inglês do século XIX (o Middlemarch, de George Eliot, por exemplo, a Emma, de Jane Austen, os romances das irmãs Brontë, entre outros). Dostoievski, Balzac, Stendhal, Flaubert encontravam-se também entre os seus preferidos, para efeitos de íntimo convívio prolongado e repetido. Respondendo, um dia, a um questionário que lhe fora enviado, nos anos 60, por Jorge de Sena, Régio observava: «Pelo que da literatura inglesa conheço através de traduções, parece-me que um seu melhor conhecimento me interessaria muito. Porventura não menos que o da literatura francesa. Leio romances ingleses com profundo gosto. Eles me dão esse sentimento de intimidade a que me referi numa resposta anterior.» Régio estaria sempre a voltar a este tópico da necessidade que sentia de mergulhar no romance longo (talvez, também, uma necessidade de homem que vivia só e a quem sabia bem essa outra forma de convívio que lhe davam os personagens de ficção?). Numa carta, por exemplo, dirigida a Miller Guerra, em 1936, dizia o seguinte, a propósito de François Mauriac: «Não que a minha admiração por Mauriac vá sem restrições: gosto muito daquele longo, minucioso e múltiplo convívio que nos permitem os romances extensos à Balzac, à George Eliot, à Tolstoi... — romances que são outro mundo no meio do mundo em que quotidianamente nos agitamos, e uma vida à parte na vida que levamos todos os dias. Os personagens de tais romances tornam-se--nos tão reais como os nossos parentes, amigos ou inimigos; e ler torna--se-nos conviver com outra gente, viver outras aventuras, ter outras profissões, morar em outras casas, visitar outras cidades, etc.» Este valor

intrínseco da extensão, muito embora Régio tenha também produzido admiráveis ficções curtas, representadas neste volume, será por si constantemente reafirmado, e o lento progredir da sua Velha Casa afigurar-se-lhe-á sempre como uma virtude procurada e não como um infeliz — e indesejado — acidente de percurso. Numa carta de 1968, ao poeta Cristovam Pavia, filho do seu velho amigo e camarada da presença, Francisco Bugalho, Régio reiterava a sua fé no romance longo, nestes termos: «Até pela sua extensão, creio que A Velha Casa, não sendo tão empolgante como, por exemplo, o meu teatro, (ou só o sendo em certas passagens) é a minha obra que melhor dá a minha [...] variedade de aspectos.»

Esta dilatada duração do romance permite-lhe (ao romance) os grandes momentos de paragem, o progredir vagaroso, o convívio demorado, até à saturação, entre o leitor e os personagens do livro: «Não é o argumento que nos compraz», observava argutamente Ortega y Gasset, no seu livro genial, Ideas sobre la novela, «não é a curiosidade de saber o que vai acontecer a Fulano que nos deleita. A prova disso está em que o argumento de qualquer romance se conta em poucas palavras e, então, não nos interessa. Uma narração sumária não nos sabe a nada: necessitamos de que o autor se detenha e nos faça dar voltas em torno dos personagens. Então nos comprazemos ao sentirmo-nos impregnados e como que saturados deles e do seu ambiente, ao percebê-los como velhos amigos habituais de quem sabemos tudo e que, ao apresentarem-se, nos revelam toda a riqueza das suas vidas. Por isso é o romance um género essencialmente retardatário como dizia não sei se Goethe, se Novalis. Eu diria mais: hoje é e tem que ser um género moroso — exactamente o contrário, portanto, do conto, do folhetim e do melodrama». O romancista, ainda segundo Gasset, há-de transformar o leitor num «sonâmbulo», atraindo-o «ao âmbito cerrado que é o seu romance» e cortando-lhe (ao leitor) «toda a retirada», mantendo-o «em perfeito isolamento em relação ao espaço real» por ele abandonado. Só será romancista, segundo o grande pensador espanhol, «quem, por cima de todas as suas restantes aspirações, sinta o delicioso frenesi de contar, de imaginar homens e mulheres e falas e paixões, quem se verta inteiro na forja do corpo côncavo que é o romance e, sem nostalgia nenhuma da vida efectiva que abandona fora,

ÍNDICE

A Casa da Ficção, <i>por</i> EUGÉNIO LISBOA	9
--	---

HISTÓRIAS DE MULHERES

Davam grandes passeios aos domingos... ..	25
Sorriso triste	79
Menina Olímpia e a sua criada Belarmina	101
História de Rosa brava	117
Maria do Ahú	151
O vestido cor de fogo	167
Pequena comédia	203

HÁ MAIS MUNDOS

Os três vingadores ou Nova história de Roberto do Diabo	235
O fundo do espelho	259
Conto do Natal	267
Os paradoxos do Bem	277
Os três reinos	317
Os alicerces da realidade	325
As historietas dum colecionador de antiguidades	345

CONTOS DISPERSOS

O velho sábio e o jovem príncipe	355
Os namorados de Amância	361
Nasceu o Menino	375
Marina e a camélia	381
Uma anedota de gaiatos	387
O caminho	395
A porta e a chave	403